

COM A TERRA, PELA TERRA E PARA A TERRA. QUE JÁ É TEMPO

Conversa com Eduardo Viveiros de Castro

Rafael Franklin Almeida BEZZON*
Renan BERGO**



Cortesia do fotógrafo **Lucas Tannuri**. Realizada no Sesc, em Araraquara - SP, abr. 2016.

A conversa com o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro foi realizada durante a inauguração de sua exposição de fotografias, *Variações do Corpo Selvagem*, na cidade de Araraquara, São Paulo. Estiveram presentes durante o encontro, Rafael Bezzon e Renan Bergo, como representantes da *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, elaboradores e organizadores da entrevista¹.

* Mestrando em Ciências Sociais. Pesquisador do Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - rafaelbezzon@gmail.com

** Mestrando em Ciências Sociais. Pesquisador do Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – renanbergo@gmail.com

¹ Agradecemos imensamente a presença de Gustavo Ramos, graduado em Ciências Sociais, UNESP/FCLAr, e Pedro Lopes, graduado em Psicologia, USP/FFCLRP, que colaboraram diretamente com a conversa.

O encontro ocorreu nas dependências do SESC (Serviço Social do Comércio), na cidade de Araraquara, no dia 12 de abril de 2016. Após uma intervenção do próprio antropólogo, na abertura de sua exposição fotográfica, a respeito dos indígenas que habitam o território brasileiro, ele concordou em conversar conosco, mas não sem antes atender o grande número de pessoas que estavam à sua espera com as edições de suas obras a serem autografadas. A maioria das pessoas empunhava *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia* (Cosac Naify, 2002), principal compilação de texto publicados em língua portuguesa, além do recém lançado *Metafísicas Canibais* (Cosac Naify, 2015), com resenha neste número da *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*.

Qual sua impressão da paisagem do interior do estado de São Paulo, durante sua vinda à cidade de Araraquara?

Eu conheço muito mal o interior do estado de São Paulo. Já estive em Campinas, é claro, Marília, Piracicaba, São Carlos. Essa é minha primeira vez na cidade de Araraquara, no caminho de Ribeirão Preto para cá, eu só vi canalial, um imenso canalial. O que eu percebo é que o resto do Brasil está ficando cada vez mais parecido com o interior de São Paulo e isso é deliberado, é um projeto desse governo², dos governos anteriores e de todos os governos que se sucederam no Brasil desde Juscelino Kubitschek e da construção de Brasília. É o projeto de transformar o Brasil em um grande interior do estado de São Paulo, deixando um pouquinho do litoral como um balneário para turista, tipo o Rio de Janeiro, e o resto do Brasil virar um grande canalial, um grande cafezal, um grande eucaliptal, um grande sojal sobretudo, ou então um grande pasto para boi. Eu vejo o Brasil retomando sua função, que exercia desde seus tempos de colônia, de ser uma plantação, uma *plantation*, um fornecedor de matérias-primas, que chamamos de *commodities*, para exportar para os países do capitalismo central.

O que eu vejo hoje do Brasil é isso. É o Brasil se “sulificando”, se transformando em modelo sulista, não só paulista, na verdade é gaúcho, é catarinense, é paranaense, é paulista também. Que é o modelo de civilização, o modo de ocupação do território, de exploração do território, baseado na monocultura, basea-

² Na data em que foi realizada a entrevista não havia ainda acontecido o golpe de 2016, em que foi deposta a presidenta Dilma Rousseff. Assumiu a presidência, pelo governo golpista, o seu ex-vice-presidente, Michel Temer.

do em uma cópia de modelos culturais europeus e sobretudo norte-americanos, o modelo do *agroboby*, do 4x4, do chapelão de caubói americano, que na verdade é mexicano, do rodeio, da vaquejada, da música *country*.

Toda uma cultura que está subindo, literalmente, do Sul para o Cerrado e de lá para a Amazônia e isso é uma espécie de monocultura em todos os sentidos, no sentido da cultura agrícola e, também, no sentido de implantação de um modelo de cultura brasileira tão daninho como a monocultura agrícola. Alguma coisa que torna o país vulnerável, como toda monocultura, a pestes, sejam elas pestes ecológicas, sejam pestes econômicas. Como o que se passa no país agora, é uma crise econômica, que é o equivalente a uma peste, epidêmica, que acontece justamente porque o Brasil é um país que apostou em um modelo neocolonial, de auto neocolonialismo em que ele se conforma, se define, como um país que é o celeiro da China, da Europa.

E, ao mesmo tempo, copia, “macaqueia”, de uma maneira patética, a meu ver, modelos de desenvolvimento, modelos de civilização que violentam a natureza brasileira. Natureza em todos os sentidos, física, nós estamos literalmente destruindo o país sabe-se lá para quê, talvez para financiar as empreiteiras que irão financiar o governo e assim por diante, para que caia algumas migalhas da mesa dos ricos no chão dos pobres. A ideia sempre foi essa, aumentar o bolo dos ricos, a diferença é que antigamente os ricos queriam ficar com o bolo todo, agora a ideia é que caia um pouquinho dessas migalhas no chão para que os pobres possam comer um pouquinho, mas sem tocar no bolso dos ricos. O que esse governo, essa coalizão governamental, esse projeto que está no poder fez, isso desde a *Carta aos brasileiros* do Lula, foi assinar um compromisso de dizer que iria melhorar a vida dos pobres sem mexer no bolso dos ricos.

E como se melhora a vida dos pobres sem retirar dinheiro do bolso dos ricos? Só tem um jeito, retirar dinheiro de outro lugar, tirar do bolso de alguém. Eles retiraram do bolso da floresta, do cerrado, eles estão destruindo o Brasil para não mexer no bolso dos ricos. E mais que isso, enriqueceram ainda mais os ricos. Foi enriquecendo os ricos que conseguiram jogar mais migalhas no chão para os pobres. Quando o que gostaríamos de ver, ao contrário, seria uma distribuição radical de renda que não envolvesse essa destruição do país para manter o *status quo*, que é o que está acontecendo no Brasil ou que estava acontecendo até o Brasil começar a desmoronar politicamente e economicamente como está acontecendo agora. Nós estamos vivendo um momento que nós não sabemos o que vai acontecer daqui a cinco minutos, do ponto de vista político, e não se sabe o que vai acontecer daqui a dois meses, do ponto de vista econômico.

Nós demos com os burros n'água, devastamos metade do país, ou mais da metade do país, achando que iríamos entrar na História e o que está acontecendo é que a natureza está cobrando. Achamos que tínhamos que destruir a natureza para entrar na História e agora a natureza está cobrando a conta e dizendo: “muito bem, entraram na História? Ou vão entrar na História como mais um fracasso, mais um equívoco fundamental?”. Que é o de uma colônia achar que vai se tornar independente imitando o país colonizador. O Oswald de Andrade, um pensador que eu admiro muito, diz: “o Brasil nunca declarou sua independência, foi declarada por um rei português que continuou aqui”. Em certo sentido isso vale em todos os planos, em todas as dimensões, nós realmente não declaramos nossa independência, ao contrário, nós declaramos nossa dependência, dia a dia, dos modelos de civilização, dos modelos econômicos e dos modelos políticos vindos com as caravelas. Enquanto, enfim, continuamos sendo idiotas.

Sua exposição acontece aqui em Araraquara muito próximo³ do lugar onde *Macunaima* (1928), o de Mário, não o dos índios, foi escrito. Sabemos que o senhor retoma alguns temas avançados por Oswald de Andrade. Qual a importância de retomar temas ou procedimentos tratados pelos modernistas na antropologia hoje? Quais temas vale a pena retomar do projeto modernista e o que deve ser abandonado ou combatido?

O **Modernismo** brasileiro tinha características que hoje nós chamaríamos de pós-modernistas, sob vários aspectos. Especialmente Oswald, que estava muito à frente de seu tempo e muito à frente do **Modernismo** inclusive, até porque a partir do *Manifesto Antropófago* (1928) ele não é exatamente um modernista, mas é alguma outra coisa. Mas ele, de resto, como todo **Modernismo**, tinha, como era o clima da época, um certo otimismo ufanista, uma certa crença na técnica como liberadora, como se finalmente graças à técnica nós fôssemos nos libertar da natureza, das nossas dependências do mundo que nos cerca. E eu acho que essa crença, que é típica dos anos 20 ou antes, até dos futuristas e etc., é uma crença que, hoje, venceu seu prazo de validade.

³ Conta a história que Mário de Andrade escreveu seu livro em uma chácara no município de Araraquara, que está localizada próxima ao prédio do SESC. A chácara, hoje chamada Chácara Sapucaia, foi doada pela Profa. Heleieth Saffioti para a UNESP – Araraquara. Mário costumava visitar com alguma frequência seu amigo, Pio Lourenço Corrêa, proprietário da chácara. Em uma das visitas ao “tio” Pio, escreveu a obra no período em que esteve hospedado em Araraquara.

Por outro lado, a ideia dos modernistas de desenvolver uma pegada, uma perspectiva especificamente tropical, especificamente brasileira acredito que continua válida. A meu ver, o *Manifesto Antropófago* (1928) é o documento filosófico mais importante do século passado, e o *Macunaima* (1928) é um livro fundamental, na medida em que ele busca outra raiz que a alta cultura europeia para criar uma literatura especificamente brasileira. E nesse ponto de vista, eles continuam atuais e pós-atuais, eles apontam para o futuro nesse sentido. Mas não o futuro do *Futurismo*, o futuro da hiper-técnica que nós estamos vendo que deu errado e está dando errado, pela maneira como ele está sendo implementado desde o começo do capitalismo, pelo menos desde a **Revolução Industrial**, [ele] está destruindo o planeta.

Isso é alguma coisa que não estava no radar da época, no radar dos modernistas, o fato de que a Terra, ainda que, eu lembro, o testamento⁴ de Oswald de Andrade, o último texto que ele escreveu termina com a seguinte frase: “Com a terra, pela terra e para a terra, que já é tempo”⁵. Então ele já estava, de certa maneira, percebendo que é impossível pensar fora da terra, o modernismo teve esse caráter de levar em conta a terra, em todos os sentidos que a palavra terra têm. Que continua mais que atual, permanece urgente.

A diferenciação feita pelo senhor, durante o evento de abertura da exposição, entre tratar os indígenas, por um lado como *modelo* e por outro como *exemplo*⁶ nos remeteu à antropofagia...

Em que sentido?

Em tratar os índios não como um *modelo*, mas sim como um *exemplo*. E conhecendo esse exemplo ameríndio produzir algo novo, procedendo à maneira antropofágica.

O **Manifesto Antropófago** tem um estilo muito característico que diz assim: “Nós já tínhamos, nós já tínhamos o **Surrealismo**, nós já tínhamos o

⁴ O texto em questão é *Meu testamento*, publicado no ano de 1944.

⁵ A frase original de Oswald de Andrade é: “Desta terra, nesta terra, para esta terra. E já é tempo”.

⁶ O **modelo** seria uma representação em escala reduzida de um objeto a ser reproduzido em dimensões normais por meio de imitação, já o **exemplo** remete mais a algo do qual é possível apreender uma experiência, não enquanto norma, mas enquanto **dever**. Nesse caso, portanto, não se trata de ver na experiência indígena um modelo a ser transposto para o “mundo dos brancos”, mas de perceber, a partir dela, quais de seus traços podem ser “bricolados”.

Comunismo, muito antes de vocês”. “Sem nós - diz o Oswald, o nós deles na verdade são os índios - vocês, europeus, não teriam nem sua pobre **Declaração dos Direitos do Homem**”. Ele está lembrando a importância que teve a descoberta da América para o pensamento europeu e como as formas políticas dos povos ameríndios foram importantes para inspirar as teorias iluministas do Rousseau. Tem um livro famoso do Afonso Arinos de Melo Franco, *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, que é precisamente sobre a influência da literatura a respeito da América na imaginação política europeia. É paradoxal que nós importemos modelos europeus, que por sua vez se inspiraram em larga medida na experiência que os europeus tiveram ao chegar aqui.

Lembrou aquela sua frase, mais ou menos assim: “Pará nunca esteve em Paris, foi Paris que esteve no Pará”.

Isso foi porque um grande sociólogo... Eu fiz uma exposição da cosmologia indígena e tal, que tinha toda uma pegada estruturalista, porque eu estudei muito Claude Lévi-Strauss, foi um antropólogo fundamental para o meu trabalho, e esse sociólogo dizia: “Dá a impressão que seus índios estudaram em Paris”. Mas o que ele queria dizer é: “parece que seus índios leram Lévi-Strauss”. Não. “Não foi Pará que esteve em Paris, mas Paris que esteve no Pará”, não esqueça que Lévi-Strauss fez a sua carreira a partir da sua experiência com os índios sul-americanos. Achar que ele não aprendeu nada com os índios, que ele só analisou os índios e, não levou nada com ele é, no fundo, [uma atitude] colonialista.

Ano passado o mesmo Sesc Araraquara que agora recebe a exposição *Variações do Corpo Selvagem*, recebeu *Genesis*⁷ de Sebastião Salgado, a representação de povos autóctones naquela exposição difere da representação na exposição do senhor, aspecto já ressaltado num texto de Juliana Cunha⁸. Que conseqüências o ideal de um índio primevo, intocado pelo contato, em um lugar que o senso comum do Ocidente não raro entende como “o

⁷ *Genesis*, é uma exposição de Sebastião Salgado, composta por cem fotografias que procuram mostrar o que há de supostamente intocado no planeta Terra (embora, de uma perspectiva antropológica, e como sugerido pela resposta de Viveiros de Castro, “intocado” é uma ideia contestável, remetendo à um Passado idealizado). O fotógrafo e sua equipe, percorreram, em aproximadamente oito anos, todo o globo terrestre, passando por diversas paisagens dos cinco continentes, que foram divididas em cinco regiões geográficas: **Planeta Sul; Santuários; África; Terras do Norte e Amazônia e Pantanal.**

⁸ O texto está disponível neste link: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/09/nos-os-selvagens.html>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Passado”, pode trazer para a vida e a luta dessas populações? Há uma representação adequada a ser feita do corpo indígena?

Os espectadores, as pessoas que lerem ou verem as fotos do Sebastião Salgado, que é um grande fotógrafo, infinitamente mais conhecido e mais competente que eu, e verem as fotos da minha exposição, que tirem as conclusões que bem entenderem. Nós temos visões muito diferentes dos povos indígenas por duas razões, uma porque eu sou antropólogo e ele é fotógrafo, eu fotografo os índios como antropólogo e ele fotografa os índios como fotógrafo, a partir de uma antropologia implícita que não é a minha, o resto cada um entenda como quiser.

Essa diferença na forma como representar os índios vem de uma atitude ética por parte do antropólogo versus uma atitude estética por parte do fotógrafo?

Eu não diria isso. Certamente as fotos dele são esteticistas ou esteticizadas, mas eu não acho que minhas fotos são *eticizadas*, que eu tiro minhas fotos movido por um projeto ético da mesma forma que ele claramente é movido por um projeto estético. As minhas fotos não têm um projeto ético explícito, exceto o fato que eu vejo aqueles povos como muito mais parecidos comigo, talvez, do que o Sebastião Salgado veja os povos que ele fotografa como parecidos com ele. Eu me sinto muito mais próximo desses povos, por razões de experiência pessoal, de vivências e etc., mas por razões políticas também. Esses povos não são uma imagem ideal do Homem Natural, esses povos são contemporâneos nossos, não são nosso passado, são nosso presente e talvez sejam nosso futuro, sob vários aspectos no sentido do **exemplo**. E eu acho que o Sebastião talvez veja eles como fósseis vivos, é a impressão que dá, belos fósseis vivos, admiráveis fósseis vivos. Talvez ele lamente que nós não possamos mais ser assim, não que eu simpatizo inteiramente com ele nesse sentido, mas eu não vejo eles assim, os vejo como nossos contemporâneos e, mais do que isso, nos dando um rumo possível a seguir em termos do que é o próprio país.

Essa ideia de povo brasileiro para mim é uma ideia inventada por quem não é povo brasileiro, o que existe são povos, **povo** para mim é uma palavra que só devia se declinar no plural, não há **povo**, há **povos**. E os índios são, talvez, o povo dos povos, o exemplo do que é um povo, do que é ser povo. Ser povo é ser capaz de se autodeterminar, se autogovernar e se pensar fora desse modelo

homogeneizador, esse modelo do Estado-nação. Que imagina existir um padrão de brasileiro e esse padrão é que deve servir de **modelo** para todo brasileiro, que é o brasileiro de classe média, mestiço em vias de branqueamento, operário em vias de se transformar em pequeno empresário, bom cidadão, que chama a polícia quando precisa, respeitador das leis.

Esse modelo de um povo brasileiro como uma massa homogênea, do qual estão excluídos, evidentemente, aqueles que mandam nele, que certamente não se pensam como parte do povo, é o **modelo** que é imposto ao Brasil. Um modelo do qual eu discordo em gênero, número e grau. Os índios são, nesse sentido, um **exemplo** de como divergir. Há uma rua no Rio de Janeiro, talvez tenha em outros lugares do Brasil, chamada *Voluntários da Pátria*, eu imaginei um movimento chamado **Involuntários da Pátria**, que somos nós todos, nós somos dessa pátria involuntariamente, nós somos involuntários da pátria. E, talvez, o símbolo encarnado de um involuntário da pátria seja um índio, porque essa pátria não é dele, a terra foi tomada dele, foi invadido, ele foi expulso, cercado, acossado, “desindianizado” à força, um verdadeiro involuntário da pátria. Devemos pensar mais na ideia dos involuntários da pátria.

Essa ideia está bem desenvolvida em seu texto *Etnologia Brasileira*, com a crítica mais voltada para a antropologia.

A ideia de pensar os índios como parte **do** Brasil, o modelo clássico da antropologia de pensar os índios como parte **do** Brasil, sendo que eu sempre pensei a minha antropologia ao contrário. Eu quero saber qual é o lugar que o Brasil ocupa na cabeça dos índios e não o lugar que os índios ocupam na cabeça do Brasil, na formação da sociedade brasileira. Quero saber como é que os **brancos**, que é o nome que os índios dão a todo mundo que não é índio, inclusive os negros, seja quem for, como é que os **brancos** fazem parte do universo dos índios como mais um elemento, mais uma praga, uma peste, mais um demônio, mais um espírito mau. Mas eles estão cheios de espíritos do mal e de demônios no universo deles e os **brancos** são mais um, talvez o pior, o mais perigoso. Mas eu sempre me interessei mais em pensar o Brasil como parte do mundo dos índios, do que os índios como parte do mundo brasileiro, esse é o tipo de antropologia que eu faço.

Essa seria *a grande diferença* para essa outra antropologia?

Mais que isso, a **grande diferença** é em pensar os índios **do** Brasil, tem uma coisa possessiva, **nossos** índios, os índios **do** Brasil, e pensar os índios **no** Brasil, assim como tem índios **no** Paraguai, **na** Bolívia, **na** Venezuela, **no** Peru, **no** México, **nos** Estados Unidos, **no** Alasca. São índios que estão **no** Brasil contingentemente, eles estavam aqui antes do Brasil, portanto não são índios **do** Brasil, o Brasil que é dos índios. Na melhor das hipóteses o Brasil que é dos índios e não os índios que são do Brasil, eles que tinham que dizer: **nossos brancos** e não nós dizermos: **nossos índios**.

Se tornou popular, algum tempo atrás, a seguinte declaração do senhor “o trabalho é a essência do homem porra nenhuma. A atividade talvez seja, mas trabalhar, não”. Pode comentar essa frase? É possível falar em essência do homem?

Justamente, na frase: “o trabalho é a essência do homem” que vemos em vários textos de esquerda, marxistas, para-marxistas, sub-marxistas e, também, cristãos. Há uma relação, no meu entender, importante entre o marxismo e o cristianismo. Faz uma grande falta para a esquerda, uma esquerda não cristã, porque a esquerda é toda ela penetrada de cristianismo, principalmente entre os ateus. A frase: “o trabalho é a essência do homem”, está errada, está tudo errado nessa frase. Trabalho, Essência e Homem, não é só que o trabalho não é a essência do homem, primeiro que não há essência, homem começa com o nome que já enviesa para o masculino e essa ideia de que o homem se realiza, o ser humano se realiza no trabalho, como se isso o distinguisse dos demais seres vivos que não trabalham, apenas vivem. [A ideia] que o homem produz a si mesmo trabalhando, o trabalho é a maneira que o homem se objetiva, se reconhece. Isso é hegeliano, enfim, marxista, mas antes disso é hegeliano.

E além do que, existe esse caráter miserabilista de que o homem nasceu para trabalhar, isso vem da **Bíblia**, pô! “Você vai ganhar o pão com o suor do seu rosto”. Eu sou partidário do genro do Marx⁹, que escreveu *O direito à preguiça*, acho a preguiça uma atitude revolucionária, é como os involuntários da pátria, são *os improdutivos*. Eu acho que essa ideia da sacralização da noção de produ-

⁹ Refere-se a Paul Lafargue (1842-1911), jornalista, escritor e ativista político casado com uma das filhas de Karl Marx, Laura.

ção, de que o homem é aquele que produz a si mesmo produzindo, me parece um fantasma da metafísica ocidental cristã que nenhum índio reconheceria. Ninguém, exceto um sacristão, a reconheceria.

E o trabalho, não tem uma música que diz: “quem foi que inventou o trabalho?”, é uma marchinha de carnaval. [A palavra] Trabalho como todos sabem vem de um instrumento de tortura medieval, mas isso pouco importa. Mas essa ideia de que trabalhar no fundo é transcender, no fundo o trabalho é um avatar da ideia de criação divina, um modo humano de emular a criação divina. O trabalho como produção é o modo como o homem imita Deus, ele cria, como ele não pode criar do nada, afinal de contas ele é material, ele trabalha, ele produz. Isso tudo é completamente cristão, como eu disse a esquerda precisa se livrar do cristianismo, com todo respeito ao Papa¹⁰, que está dando umas bolas dentro recentemente. O trabalho não é a essência do homem, não há essência, não há homem nesse sentido de alguém que tenha uma essência distinta do resto do vivente. Distinta no sentido que a palavra tem de uma pessoa distinta. E muito menos que o trabalho seja essa essência.

Agora agir, viver, a atividade como eu falei, isso sim talvez seja a característica de todo ser vivo. Viver é agir. A vida vem antes do trabalho e viver não dá trabalho, exceto para quem trabalha, exceto para quem é obrigado a trabalhar por aqueles que não trabalham.

Será que a gente pode uma última?

Não! [Gargalhadas gerais] Aprendi a dizer essa palavra recentemente e estou adorando!

¹⁰ Viveiros de Castro se refere ao atual Papa, Francisco.



Cortesia do fotógrafo **Lucas Tannuri**. Realizada no Sesc, em Araraquara – SP, abr. 2016.

